



## ORIENTE MÉDIO

# A guerra se expande

Rebeldes huthis anunciam que EUA e Reino Unido se tornaram “alvos legítimos” após ataques aéreos contra alvos no Iêmen. Disparos de mísseis em Sanaa e na cidade portuária de Hodeida, no Mar Vermelho, mataram cinco

» RODRIGO CRAVEIRO

O aviso do presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, aos huthis — rebeldes aliados ao Irã que controlam a região ocidental do Iêmen — foi direto: “Nós garantimos que responderemos enquanto prosseguirem com esse comportamento ultrajante”. O democrata fazia menção aos mísseis disparados contra embarcações israelenses, ou a caminho dos portos de Israel, no Mar Vermelho. Horas antes, na madrugada de ontem, caças dos EUA e do Reino Unido lançaram 150 mísseis contra 30 alvos em Sanaa, capital iemenita, no porto de Hodeidah e em outras áreas.

Yahya Saare'e, porta-voz das Forças Armadas huthis, advertiu que os bombardeios não ficariam sem resposta e nem punição. “Todos os interesses americanos e britânicos tornar-se-ão alvos legítimos das forças armadas iemenitas após a agressão direta e declarada contra a República do Iêmen”, declarou o Conselho Político Supremo dos huthis, por meio de um comunicado.

A retaliação do Iêmen não tardou. Os rebeldes lançaram um míssil balístico antinavio contra o Mar Vermelho, onde circula 12% de todo o comércio mundial. “Sabemos que lançaram pelo menos um míssil em resposta”, afirmou o diretor do Estado-Maior Conjunto dos Estados Unidos, tenente-general Douglas Sims. O disparo, no entanto, não atingiu nenhuma embarcação. “Sua retórica tem sido bastante forte e elevada. Eu esperaria que tentassem algum tipo de represália”, acrescentou o militar. Os disparos dos huthis se inserem no que consideram um “ato de solidariedade” com a população

### Vozes de Sanaa

Arquivo pessoal



*“Espero que as Forças Armadas iemenitas intensifiquem suas operações no Mar Vermelho e ataquem embarcações israelenses, britânicas e norte-americanas. Os EUA e o Reino Unido oficialmente se tornaram inimigos depois dos ataques na madrugada desta sexta-feira. A solução, agora, é simplesmente deter a agressão contra Gaza e suspender seu bloqueio. Quanto aos EUA e ao Reino Unido, o problema só terminará após a vingança, a resposta ao ataque contra meu país.”*

**Abdulhameed Sharwan, 34 anos, jornalista, morador de Sanaa**

Arquivo pessoal



*“Haverá uma resposta de Sanaa para o ataque, especialmente porque houve mártires que caíram nos bombardeios israelenses. Os iemenitas estão definitivamente zangados com essa agressão contra o Iêmen e querem vingar-se de qualquer forma. Eles continuarão a apoiar a Palestina, mesmo que isso signifique a morte.”*

**Ahmed Jahaf, 33 anos, jornalista, morador de Sanaa**

palestina na Faixa de Gaza.

Os bombardeios anglo-americanos tiveram o respaldo de Austrália, Bahrein, Canadá, Dinamarca, Alemanha, Países Baixos, Nova Zelândia e Coreia do Sul.

Em comunicado conjunto, também assinado pelos EUA e pelo Reino Unido, sustentaram que as “ações demonstram um compromisso com a liberdade de navegação, o comércio internacional e a defesa da vida dos navegantes contra ataques ilegais e injustificáveis”. O próprio Biden classificou os ataques aéreos como uma “ação defensiva” e avisou que não hesitará em “ordenar outras medidas”. O chanceler britânico, David Cameron, sublinhou que “a segurança dos navios do Reino Unido e a liberdade de navegação através do Mar Vermelho são fundamentais”. “Como o Conselho de Segurança da ONU deixou claro, os huthis devem interromper os ataques no Mar Vermelho”, escreveu na rede social X, o antigo Twitter.

### Insatisfação

Em Sanaa, o jornalista Abdulhameed Sharwan, 34 anos, foi surpreendido por quatro explosões a partir das 2h30 de ontem (20h30 de quinta-feira em Brasília). “Liguei para colegas que estavam próximos do local e eles me contaram que um ataque aéreo tinha atingido o aeroporto internacional. Vivo a uns 2km ou 3km da área alvejada e senti nossa casa tremer”, contou o morador da capital iemenita. Ele afirmou que as incursões anglo-americanas agravaram o descontentamento e a raiva entre a população e ampliaram a pressão por uma resposta a essa agressão. Milhares de iemenitas saíram às ruas para protestar.

“Os bombardeios foram o resultado da posição do Iêmen sobre a guerra em Gaza e os crimes cometidos por Israel, contra o povo palestino, com o apoio dos EUA. Hoje, protestos em massa ocorreram em todas as

Mohammed Huwais/AFP



Combatentes huthis ostentam armas durante protesto contra os EUA e o Reino Unido, em Sanaa

## Bombardeios dos EUA e Reino Unido no Iêmen

Os ataques se concentraram em locais militares em cidades controladas por rebeldes huthis

■ Zona controlada pelos rebeldes huthis



Fontes e dados cartográficos: OSM, NASA, ACAPS, escritórios AFP

provincias do Iêmen para expressar ira, para reafirmar a solidariedade ao povo palestino e para pedir à liderança em Sanaa para manter as operações militares contra navios israelenses e embarcações se dirigindo a portos em Israel”, comentou Sharwan.

Ele ressaltou que os rebeldes huthis não temem a guerra e creem que confrontar os EUA e Israel é a única maneira de salvar o Oriente Médio. “Se houver uma ampla guerra regional, os huthis nada terão a perder. Há nove anos,

eles têm sofrido agressões por parte da coalizão da Arábia Saudita e dos Emirados Árabes Unidos liderada pelos EUA. O Iêmen será um novo Vietnã”, advertiu.

O também jornalista iemenita Ahmed Jahaf, 33, acha que os Estados Unidos caíram em uma “armadilha”. “Os norte-americanos imaginavam que ninguém poderia confrontá-los sem medo. Os EUA mobilizaram o Reino Unido para responder porque as operações militares do Iêmen relacionadas à Palestina

estavam além de suas expectativas”, opinou. Segundo ele, os EUA apostam que os bombardeios assustarão os iemenitas e forçarão os huthis a interromperem suas operações no Mar Vermelho. “Isso não vai acontecer”, previu o morador de Sanaa.

Especialista em Iêmen baseado em Chicago, Brian O’Neill disse que está “muito claro” que os huthis atraíram os EUA e o Reino Unido para uma resposta militar. Segundo ele, como os rebeldes impediam a navegação no Mar Vermelho e atacavam embarcações civis, não havia outra opção que não um ataque bélico. “O bombardeio realizado por Washington e Londres tem que ser visto no contexto da tentativa dos huthis de solidificar sua posição na guerra civil em curso e avançar rumo a um cenário mais regional e global”, explicou ao Correio. Ele vê “muito pouca preocupação real” com a Palestina nos escalões superiores do governo huthi. “Os EUA e o Reino Unido morderam a isca. Mas, não existe apetite para uma guerra mais ampla no Iêmen.”

O’Neill aposta que os huthis manterão ataques limitados no Mar Vermelho e usarão as ações como propaganda. A ideia, de acordo com o estudioso, é que os rebeldes transmitam a imagem de salvadores de Gaza. “A resposta dos huthis será mais na linha da milícia xiita libanesa Hezbollah: mostrar uma postura desafiadora e levantar-se contra a campanha israelense em Gaza, mas não se envolver em uma guerra mais ampla.”

## Conexão diplomática



por Silvio Queiroz  
silvioqueiroz.df@gmail.com

## O galo canta mais uma vez

A convocação do embaixador brasileiro no Equador para que interrompa as férias e retorne ao posto, em Quito, dá medida de quanto o estado de convulsão no vizinho amazônico preocupa o governo Lula. A fora a escalada de violência imposta ao país pelo crime organizado, as atenções se voltam igualmente para a situação anômala do estado de exceção, com as Forças Armadas a cargo de restabelecer a ordem.

Se essas são considerações de alcance mais imediato, sobram ainda notas de sentido mais profundo, com a atenção projetada para os desdobramentos internos da crise equatoriana. Pela segunda vez no intervalo de duas décadas, o Brasil assiste ao assédio de cartéis da cocaína contra o Estado logo além das fronteiras. Nas décadas de 1980 e 1990, principalmente, a Colômbia travou seu combate contra o terrorismo do cartel de Medellín, chefiado por Pablo Escobar, e, adiante, com os traficantes de Cali.

Em ambos os casos, os abalos na superfície do tecido político-social se mostram

como a face visível de fenômenos maturados no leito mais profundo. Um dos sintomas decisivos é a corrosão da autoridade de Estado, seja por ataques frontais, seja pela cooptação de seus agentes, em diferentes escalões — até os mais elevados.

Para o Brasil, é um segundo aviso sobre o que pode sobrevir da expansão e consolidação das facções criminosas. Como se o galo cantasse mais uma vez para anunciar um novo dia que, no caso, amanhece sob nuvens pesadas.

### Geopolítica do crime

Assim como o Brasil, o Equador não é propriamente um produtor de cocaína, mas uma importante rota de escoamento dela e de outras drogas em direção aos mercados norte-americano e europeu, via Pacífico — assim como o Brasil, via Atlântico. Os grandes centros de plantio e refino seguem sendo Colômbia, Peru e, em menor escala, a Bolívia. Até a virada do século, o andamento do jogo era ditado pelos

movimentos dos grandes cartéis colombianos — cuja ação, por sua vez, emaranhava-se com a forte presença de guerrilheiros de esquerda e paramilitares de direita em vastas áreas do território, onde a presença do Estado foi se tornando episódica e residual.

A novidade, nas últimas duas décadas, foi a chegada à América do Sul dos cartéis do México, senhores das vias diretas de acesso aos EUA. Na esteira da pulverização na cadeia do negócio, em especial na Colômbia, onde gangues menores operam fases e setores diferentes da cadeia de produção e exportação das drogas, os mexicanos se tornaram os “patrões”, manipulando alianças de maior ou menor estabilidade com os criminosos locais.

Em 2023, quando um candidato presidencial foi assassinado, no Equador, a mando do chefe que fugiu da cadeia na última semana, desencadeando a crise, o dedo dos mexicanos na escalada se fez ostensiva. Embora com menos alarde, ele se fez notar igualmente após o assassinato do indigenista Bruno Pereira e do jornalista britânico Dom Phillips, na Amazônia brasileira, no ano anterior. Há algum tempo, em circuito mais reservado, a presença

dos novos “patrões” frequentava as preocupações dos pelotões do Exército na fronteira norte-noroeste.

### Sapo de fora

A história recente da Colômbia traz embutida outra dimensão da trama, uma que interessa ao Brasil, agora de maneira mais imediata. A partir dos anos 1980, sob Ronald Reagan, Washington declarou sua “guerra às drogas”, de início focalizada nos cartéis colombianos. Em 2000, ela se desdobraria no Plano Colômbia, que associava o combate ao narcotráfico e à guerrilha, com ajuda financeira e assessoria militar direta às Forças Armadas locais.

A presença de bases e mesmo tropas norte-americanas nos limites do território brasileiro volta a se insinuar como desdobramento possível — e incômodo — da crise aguda em andamento no Equador. Na política externa traçada para o novo mandato de Lula, com o toque indelével do assessor especial Celso Amorim — o chanceler dos primeiros dois governos petistas —, um dos elementos centrais é estabelecer com os vizinhos sul-americanos mecanismos

que dispensem a intervenção de atores externos à região em situações que digam respeito a segurança e defesa,

### Haia no radar

Muito distante dos desafios na vizinhança, o Planalto e o Itamaraty têm atenções voltadas para outra frente espinhosa na ação diplomática. Desde a última quinta-feira, a Corte Internacional de Justiça examina em Haia uma denúncia da África do Sul contra Israel por supostas ações de genocídio cometidas em Gaza, no marco da ofensiva militar contra o movimento palestino Hamas — resposta ao ataque de início de outubro contra cidadãos israelenses.

Na véspera da primeira audiência do caso, o Brasil endossou a iniciativa do parceiro de Brics, movimento que desencadeou uma bateria de críticas da oposição doméstica — e, inevitavelmente, terá impacto nas relações bilaterais com Israel e, por tabela, com os EUA, aliados incondicionais do Estado judeu.

Ao fim de quatro anos de flerte entre o presidente Jair Bolsonaro e o premiê Benjamin Netanyahu, a volta de Lula ao Planalto renova os ruídos entre os dois governos.